SEMANA TEOLÓGICA DA UNICAP

PROCESSOS DE CANONIZAÇÃO NO BRASIL: HISTÓRICO E CONTRIBUIÇÕES PASTORAIS

Jociel João Gomes da Silva*

RESUMO

Mediante o batismo, todos são chamados à santidade. Desde a colonização no século XVI, o Brasil pôde contar com o testemunho de santidade de muitos fiéis. Os primeiros testemunhos de santidade reconhecidos no Brasil advêm da evangelização apostólica, realizada por centenas de missionários das mais diversas ordens e congregações religiosas. O Catecismo da Igreja Católica observa que, ao longo dos séculos, sempre se constatou que os santos e santas foram fonte e origem de renovação. O testemunho dos santos dá ânimo à caminhada, são inspiradores de novas atitudes, e se tornam referenciais na prática das virtudes e são propostos pela Igreja, como modelos a serem seguidos pelos fiéis.

Palavras-chave: Canonização. Santidade. Testemunho.

1 A vocação à santidade

Frequentemente, associamos a ideia de santidade a dons especiais, milagres, visões, êxtases, revelações etc. É claro que muitas dessas coisas se fazem presentes nas biografias dos santos, mas isso não constitui o essencial, embora sejam sinais que apontam para uma vida de santidade ou confirmação da missão.

O apelo à santidade nos vem de Jesus: "Sede santos assim como vosso pai celeste é santo" (Mt 5,48). Contudo, o autor do Levítico chama a atenção de todos quando diz: "Santificai-vos e sede santos, pois eu sou o Senhor vosso Deus (Lv 20, 7). O Apóstolo Pedro também orienta os fiéis à santidade, dizendo: "como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver" (1Pd 1,15). Assim, tantas outras passagens bíblicas mostram que Deus chama constantemente os seres humanos a serem santos.

O santo ou santa é alguém que viveu para Deus. O Paulo nos exorta a "vivermos para Deus" (Rm 14,8). Na verdade, esse viver deve acontecer em três dimensões: Viver para Deus, viver com Deus e viver em Deus. Os Atos dos

* Mestrando do Programa de Pós-graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: jjcordel@gmail.com

Apóstolos nos recordam que: "Nele vivemos, nos movemos e somos" (17,28). Ser santo é, portanto, fazer uma profunda experiência de Deus, a ponto de exclamar como São Francisco de Assis: "Meu Deus e meu tudo", consciente que Deus é a razão do seu viver, amando-o sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo (Mt 22, 34s).

Ser santo é abrir-se à graça divina, num processo constante de conversão, assumindo sua humanidade para deixar-se moldar pelo Espírito Santo e chegar à altura de Cristo (cf. Ef 4,13). É ainda renunciar a si mesmo, tomar a sua cruz e seguir o Mestre (cf. Mt 16,24), é deixar tudo por Ele (cf. Mt, 19,29). Enfim, é alguém que pratica as virtudes cristãs e que não está fora do mundo, mas inserido na realidade dele para testemunhar ali a bondade divina.

2 Os processos de canonização na Igreja e no Brasil

Nos primeiros séculos cristãos, o culto dos mártires e dos confessores era regulado pelas Igrejas locais (dioceses). Na Idade Média, reunidos em sínodo, os bispos eram quem dava autorização a novos cultos. Somente no fim do primeiro milênio, por diversas causas, é que se começou a recorrer ao Papa. No século XIII, Gregório IX, nas *Decretais* de 1234, reservou a canonização exclusivamente ao Sumo Pontífice. Normas e leis começara a ser aprovadas e observadas com mais rigor nos processos formais de canonização. Hoje, por exemplo, conta-se com a Constituição Apostólica “*Divinus Perfectionis Magister*”, publicada por João Paulo II em 1983. Além disso, há a Instrução "*Santorum Mater*" para a realização dos inquéritos diocesanos ou das eparquias nas causas dos santos. Esses dois documentos dão as instruções necessárias para a elaboração dos autos processuais.

Desde a colonização no século XVI, o Brasil pôde contar com o testemunho de santidade de muitos fiéis, tanto clérigos quanto leigos. O povo brasileiro sempre cultivou sua admiração por figuras que viveram com heroicidade as virtudes cristãs. No entanto, instruir um processo formal de canonização é algo recente, salva a exceção do caso de José de Anchieta, cujo processo foi iniciado no século XVII.

No Brasil há processos de canonização de homens e mulheres nativos e de estrangeiros que vieram em missão. Tantas pessoas de nacionalidades diferentes

que deram sua vida pela evangelização nesta Terra de Santa Cruz. Muitos, no entanto, deram um testemunho singular de santidade e se tornaram exemplos para todos os membros de nossas comunidades eclesiais.

Os primeiros testemunhos de santidade reconhecidos no Brasil advêm da evangelização apostólica, realizada por centenas de missionários das mais diversas Ordens e congregações religiosas. Assim podemos citar do jesuíta padre Anchieta, ao franciscano frei Galvão, chegando até ao capuchinho frei Damião de Bozzano. Eles fazem parte de uma enorme fileira de evangelizadores que deram sua vida por causa da construção do Reino neste chão. Cada um com seu jeito, seus métodos, levando em conta sua época, o modelo de Igreja vigente, mas com algo inconteste: seu ardor missionário, suas práticas virtuosas, sua santidade pessoal.

Nesses cinco séculos de história, há grandes testemunhos de martírio, de santidade missionária, de pregação itinerante, de protagonismo feminino e, também, de uma santidade do quotidiano observada em tantos homens e mulheres anônimos, não canonizados. Contudo, o objeto desse estudo se atém às figuras que se destacaram e estão sob processo formal de canonização.

No Brasil foram instaurados diversos processos de beatificação e canonização. Seguem dados cronológicos referentes a alguns deles, para que se tenha uma ideia da relevante situação em que se encontra esse reconhecimento oficial por parte da Igreja.

O primeiro processo de canonização instruído no Brasil foi o de Padre José de Anchieta, um espanhol intitulado o "Apóstolo do Brasil". A campanha para a sua beatificação teve início na então capitania da Bahia em 1617, mas não logrou êxito ao longo dos anos seguintes. A perseguição do Marquês de Pombal aos jesuítas, por exemplo, impediu o trâmite do processo iniciado no século XVII. Somente em junho de 1980, quatro séculos depois, é que o papa João Paulo II, o beatificou. O processo durou 417 anos até que em 2014 o Papa Francisco o declarou santo. Em 2015, Anchieta foi declarado co-padroeiro do Brasil durante a 53ª Assembleia Geral da CNBB.

Em 1952 deu-se início a uma campanha em prol da canonização de Nhá Chica, uma leiga de Minas Gerais, mas somente a partir de 1992 foi instruído o processo formal na diocese de Campanha. Em 2013 ela foi declarada Beata por Bento XVI.

O Processo de Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus foi instruído entre os anos de 1982 e 1983 junto à Cúria arquidiocesana de São Paulo. O decreto de heroicidade das virtudes foi emitido em 08 de fevereiro de 1988.E ela foi beatificada por João Paulo II em 1991, sendo canonizada também por ele em 2002. Paulina era italiana e trabalhou no Brasil durante muitos anos.

Em 25 de outubro de 1998, Frei Antônio de Santana Galvão se tornou o primeiro religioso nascido no Brasil a ser beatificado pelo Vaticano, tendo sido declarado Venerável um ano antes. Aos 11 de maio de 2007, durante a visita do Papa Bento XVI ao Brasil, tornou-se o primeiro brasileiro a ser canonizado pela Igreja.

O Processo dos mártires de Cunhaú e Uruaçu-RN começou em 1989 na arquidiocese de Natal. No ano 2000 evocando os 500 anos do Brasil, o papa João Paulo II beatificou esses mártires, vítimas dos holandeses. E em 2017 o Papa Francisco declarou santos estes que foram intitulados "Protomártires do Brasil" (CAMPOS, 2017, p. 81).

Na década de 1930 havia um grande desejo para que a Igreja reconhecesse a santidade de Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira. O processo foi aberto, mas sem êxito. No entanto, em 1990 foi reaberto na Arquidiocese de Olinda e Recife o processo desse capuchinho que foi bispo de Olinda entre os anos de 1871 e 1878, enfrentando o imperador e as seitas maçônicas. Ele foi preso, julgado e condenado a quatro anos de prisão. Antes de cumprir toda a sentença foi anistiado. Faleceu em Paris, em decorrência dos sofrimentos enfrentados antes e durante a prisão. Considerado o santo Atanásio brasileiro por causa da sua defesa da fé cristã católica; por muitos tido como mártir e santo. É uma causa histórica de grade relevância.

No ano 2000, em Salvador-BA, tiveram início dois processos: o de Irmã Dulce dos Pobres, culminando com sua beatificação em 2011, e o de irmã Lindalva Justo de Oliveira, martirizada, cuja beatificação aconteceu em 2007. Ambas foram beatificadas por Bento XVI. E neste ano de 2019 foi aprovada mais um milagre por intercessão da Beata Dulce que em breve será inscrita no álbum dos santos.

Em 2003 foi aberto também na Arquidiocese de Olinda e Recife o processo de Frei Damião de Bozzano, italiano que missionou o Nordeste durante sessenta e seis anos. É muito devotado pelos fiéis. Seu túmulo é meta de peregrinações o ano

inteiro. O Papa Francisco o declarou Venerável no dia 26 de março do ano em curso.

Dezenas de processos brasileiros tramitam atualmente na Congregação das Causas dos Santos. Muitos já chegaram à conclusão como é o caso dos já citados Santa Paulina, Santo Antônio de Santana Galvão, São José de Anchieta e os santos mártires potiguares, que foram canonizados. Outros já foram beatificados: Irmã Dulce, Irmã Lindalva, Nhá Chica, Albertina Berkenbrock, Eustáquio, Mariano da Mata e Padre Donizetti (cuja beatificação foi recentemente anunciada), entre outros. Treze pessoas encontram-se na condição de Veneráveis, dentre eles: Antônio Viçoso, Daniel de Samarate, Antonieta Farani e Damião de Bozzano. Mais de sessenta pessoas são consideradas Servos de Deus e suas causas estão em andamento. É o caso, por exemplo, de Dom Expedito Lopes, Padre Ibiapina, Dom Helder Camara, Zilda Arns, Odetinha e Dom Luciano Mendes.

Outros personagens estão sendo elencados como possíveis candidatos à canonização como Padre Cícero Romão Batista, Irmã Adélia Carvalho e Padre Rolim. Esse, portanto, é um elenco destinado a crescer. É fato que depois de cinco séculos, a santidade continua a crescer no Brasil. As Igrejas locais têm despertado para reconhecer seus heróis na vivência da prática cristã e colocá-los como modelos aos seus fiéis. O céu brasileiro é composto por uma constelação de santos e santas, clérigos e leigos, muitos que nem terão um processo formal de canonização, e isso representa a sua quase totalidade. Mas entre tantos homens e mulheres, alguns são postos em relevo e estes estarão nos altares de nossos templos apontando-nos o conselho bíblico: "Sede santos como vosso Pai do céu é santo" (Mt 5,48).

Este elenco de santos destinado a crescer, mesmo em tempos de crise e de secularização, não pode ser uma simples lista de nomes ou um rol de falecidos. Pulsa no coração da Igreja do Brasil sangue vital de testemunhas do Evangelho; inclusive gente, cuja força, coragem e ousadia ultrapassa as objeções que são feitas aos conceitos de "santidade" e de "santo". O testemunho continua a falar mais alto e a incomodar os poderosos e os descrentes. Alguém como Irmã Dorothy Stang, por exemplo, pode entrar na lista daqueles cujo sangue se torna semente de novos cristãos e provocar reações em uma sociedade que se encontra por vezes anestesiada antes os desmandos dos poderosos e a secularização.

3 Por que canonizar essa gente? Qual a contribuição pastoral desses processos para as Igrejas locais?

O Catecismo da Igreja Católica reza que "ao longo dos séculos, sempre se constatou que os santos e santas sempre foram fonte e origem de renovação nas circunstâncias mais difíceis da história da Igreja. Com efeito, a santidade é a fonte secreta e a medida infalível de sua atividade apostólica e de seu elã missionário" (n. 828).

Na Igreja de Cristo, mediante o batismo, todos são chamados à santidade. A todos, Deus faz o convite de viver em profunda conformidade com o Evangelho, numa experiência incondicional do mandamento do amor a Deus e ao próximo, a fim de alcançar uma perfeita união com o Senhor, ou seja, a santidade. O prefeito emérito da Congregação para as Causas dos Santos, Cardeal Ângelo Amato, afirma: "Para declarar santa uma pessoa é, antes de tudo, necessária a prova das suas virtudes. O santo é um ser sumamente virtuoso" (AMATO, 2012, p. 6). Esses que se deixaram moldar pelo Espírito Santo tornam-se modelos para todos os fiéis porque praticaram em grau heróico as virtudes cristãs. A Igreja os propõe, então, como exemplos; eles se tornaram referenciais no âmbito da prática cristã.

As Igrejas locais, assim como toda a Igreja Católica, necessitam de referenciais no tocante à prática das virtudes cristãs. Assim sendo, cada Beato, cada Santo dá uma grande contribuição para a vivência espiritual do povo. Não se tornam eles somente aqueles a quem se pode recorrer suplicando alcançar uma graça, mas, antes de tudo, são referências, especialmente, na prática da fé, da esperança e da caridade.

Ao ter um de seus membros oficialmente reconhecidos como santos, as Igrejas locais sentem-se renovadas em seu vigor, em seu ardor missionário. Além disso, os santos são sinais da vitalidade do Evangelho, apontando que a sua vivência é possível. Por meio de muitos deles acontecem milagres, "especiais intervenções de Deus para aliviar o sofrimento das criaturas humanas e mostrar seu amor por elas" (MOLINARI, 2011, p. 245). É como afirma a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, n. 50: "Venerando os santos, a Igreja católica os retém como especiais intercessores junto ao Deus Trino em favor dos necessitados".

No encontro com o laicato católico, acontecido em Campo Grande-MS, a 17 de outubro de 1991, o Papa João Paulo II (também canonizado) transmite o seguinte desejo: "Que a Terra da Santa Cruz seja uma terra de santos".

Na homilia pronunciada em Florianópolis-SC, durante a missa e o rito de beatificação da Madre Paulina, o mesmo João Paulo II diz enfaticamente: "Mais uma vez vos digo: o Brasil precisa de santos, de muitos santos! A santidade é a prova mais clara, mais convincente da vitalidade da Igreja em todos os tempos e em todos os lugares.

Ouvindo esse desejo de João Paulo II, que não deixa de ser um apelo à Igreja do Brasil para que trilhe um caminho de santidade, as Igrejas locais têm se preocupado em abrir formalmente os processos para que haja o reconhecimento oficial de seus filhos como santos. Estes se revelam como os mais convincentes tradutores do Evangelho, pois o interpretam na língua concreta da caridade, que é compreensível a todos. Os santos são púlpitos que difundem a Palavra de Deus com suas vozes e atitudes evangélicas e se tornam grandes arautos da evangelização cristã (AMATO, 2012, p. 26).

Diversas contribuições pastorais advém de um processo de canonização, além dos já citados. O testemunho dos santos dá ânimo à caminhada. São inspiradores de novas atitudes. Eles se tornam referenciais na prática das virtudes e são propostos pela Igreja como modelos a serem seguidos pelos fiéis. Além disso, em muitos casos, comprometem pessoas e comunidades a continuarem os trabalhos por eles iniciados, basta pensar nas obras de caridade de Madre Teresa de Calcutá, nas obras sociais de Irmã Dulce dos Pobres, no ardor missionário de Frei Damião, na luta em defesa dos pobres, da justiça e da paz de Dom Helder Câmara etc.

Neste tempo atual, os cristãos sentem-se chamados por Deus à santidade. O Papa Francisco, na "*Gaudete et Exsultate*", faz uma chamada à santidade.No quarto capítulo da encíclica, ele apresenta as características “indispensáveis” para entender o estilo de vida da santidade: “perseverança, paciência e mansidão”, “alegria e senso de humor”, “audácia e fervor”. E lembra que o caminho da santidade vivido como caminho “em comunidade” e “em constante oração”, que chega à “contemplação”, não entendida como “evasão que nega o mundo que nos rodeia” (n. 110-152) é o que deve ser trilhado por todos os cristãos. Os Servos de Deus, os

veneráveis, os beatos e os santos brasileiros percorreram, pois, essa estrada, e a indicam a todos. Eles atraem com o esplendor de suas virtudes e fazem surgir na Igreja os frutos do Reino.

REFERÊNCIAS

AMATO, Angelo. **Santi e Beati:** Come procedi la Chiesa? Cittá del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2012.

AMATO, Angelo.**I Santi nella Chiesa**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2010.

CAMPOS, José Freitas. **O sangue dos mártires:** a história dos primeiros mártires do Brasil. São Paulo: Loyola, 2017.

CARDOSO, Armando. **Vida de São José de Anchieta**. São Paulo: Loyola, 2014.

CARGNONI, Costanzo. **Sulle orme dei santi**. Roma: Edizioni Padre Pio da Pietrelcina, 2012.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium. In: **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 101-197.

JOÃO PAULO II. **Divinus Perfectionis Magister**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1983.

Madre Paulina: Fundadora da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição - Informação e Sumário dos Processos. Roma: Congregação para as Causas dos Santos, V. 2, 1986.

MOLINARI, Paolo. **I miracoli nelle beatificazioni e nelle canonizzazioni**. Roma: Civiltà Cattolica, 2011.

Palavra do Santo Padre ao Brasil. São Paulo: Paulinas, 1991.

ROSSI, Agnelo. **Santos e Beatos da América**. São Paulo: Centro Bíblico Católico, 1992.

CONGREGAÇÃO PARA AS CAUSAS DOS SANTOS. **Sanctorum Mater:** Instrução para a realização dos inquéritos diocesanos ou das eparquias nas causas dos santos. Roma, 2007. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_20070517_sanctorum-mater_po.html. Disponível em: 15 de agosto de 2019.